

Intersubjectividade e sentimentos morais

Pensando a partir da fenomenologia

André Barata
www.andrebarata.com

2.^a sessão
17 de Maio

2. A FENOMENOLOGIA SARTRIANA DO SER OUTREM

- a) - "A existência de outrem" (Sartre), 4.^a secção: O olhar
- b) - „As relações concretas com outrem" (Sartre)

A probabilidade do outro

Sem sair do plano de uma tentativa de fazer percepção do outro perdemos as nossas possibilidades de sair do plano da mera probabilidade.

Mas não faria sentido esta probabilidade perceptiva do outro se não houvesse aí já uma outra apreensão do outro, uma apreensão de outra natureza, mais originária.

Que apreensão é essa?

Relação directa a outrem

«(...) encarou-se geralmente o problema de outrem como se a relação primeira pela qual outrem se descobre fosse a objectividade, quer dizer, como se outrem se revelasse primeiro - directa ou indirectamente - à nossa percepção. Mas, como esta percepção, pela sua própria natureza, *se refere a outra coisa que não ela mesma* (...), a sua essência deve ser a de se referir a uma *primeira relação da minha consciência à de outrem*, na qual outrem deve ser-me dado *directamente como sujeito embora em ligação comigo*, e que é o vínculo fundamental, o próprio tipo do meu ser-para-outrem.»

(Sartre, 1943, p. 265)

Procurar o outro na percepção cotidiana

«É na realidade quotidiana que outrem nos aparece e a sua probabilidade refere-se à realidade cotidiana. O problema precisa-se então: Haverá na **realidade cotidiana** uma relação **originária** a outrem que possa ser constantemente visada e que, por consequência, possa descobrir-se a mim, fora de toda a referência a um incognoscível religioso ou místico? Para o saber, **convém interrogar mais nitidamente esta aparição banal de outrem no campo da minha percepção (...)**»

(Sartre, 1943, p. 265)

O homem no jardim público

Dois modos de apreensão descobrem-se na percepção do outro:

«Estou num jardim público. Não longe de mim, eis um relvado e, ao longo deste relvado, umas cadeiras. Um homem passa ao pé das cadeiras. Vejo este homem, apreendo-o **como um objecto** e ao mesmo tempo **como um homem**. O que significa isto? O que pretendo dizer quando afirmo deste objecto que *ele é um homem?*»

(Sartre, 1943, p. 265)

Relações aditivas

Enquanto objecto, o homem ocupa uma certa posição no espaço, localiza-se entre outros objectos, ao lado de um objecto em particular, por exemplo um banco de jardim, etc. Sartre chama a estas relações espaciais **relações aditivas**, como blocos sólidos que se acumulam.

«(...) eu poderia fazê-lo desaparecer [ao homem no jardim] sem que as relações dos outros objectos entre si fossem apreciavelmente modificadas (...), nenhuma relação nova apareceria por ele entre estas coisas do meu universo (...).»

(Sartre, 1943, p. 266)

Orientação das distâncias

«O perceber como *homem, ao invés*, é captar uma relação não aditiva da cadeira a ele, é registar uma organização *sem distância* das coisas do meu universo em volta deste objecto privilegiado. (...) a distância *desdobra-se a partir* do homem que eu vejo (...). Trata-se de uma relação sem partes, dada de um só lance e no interior da qual se desdobra uma espacialidade que não é a *minha* espacialidade, pois em vez de ser um agrupamento *em direcção a mim* dos objectos, trata-se de uma *orientação que me foge.*»

(Sartre, 1943, p. 266)

A desintegração das relações

«(...) a distância que se desdobra entre o relvado e o homem (...) é uma negação da distância que eu estabeleço (...) entre estes dois objectos. Ela aparece como uma pura **desintegração das relações** que eu apreendo entre os objectos do meu universo. E esta desintegração **não sou eu quem a realiza; ela aparece-me** como uma relação que eu viso *em seco* através das distâncias que estabeleço originariamente entre as coisas. É como que um pano de fundo das coisas que **me escapa** por princípio e que lhes é conferido a partir de fora. Assim, o aparecimento entre os objectos do *meu* universo de um elemento de desintegração deste universo é aquilo a que chamo a **aparição de um homem no meu universo.**»

(Sartre, 1943, p. 267)

Outrem como fuga das coisas

«Outrem é a fuga permanente das coisas em direcção a um termo que eu apreendo como objecto a uma certa distância de mim e que, simultaneamente, me escapa enquanto ele desdobra à sua volta as suas próprias distâncias.»

(Sartre, 1943, p. 267)

O espaço e o mundo «levados» pelo outro

«Assim, de repente, apareceu um objecto que me roubou o mundo. Tudo está no seu lugar, tudo existe para mim, mas tudo é percorrido por uma fuga invisível e estática em direcção a um objecto novo. O aparecimento de outrem no mundo corresponde então a um deslizamento petrificado de todo o universo, a uma descentração do mundo que mina por baixo a centralização que eu opero ao mesmo tempo.»

(Sartre, 1943, p. 267)

O outro como outro visto por mim

«Mas *outrem é ainda objecto para mim*. Ele pertence às *minhas* distâncias: o homem está ali, a vinte passos de mim, e *vira-me* as costas. Enquanto tal, ele está de novo a dois metros e vinte do relvado, a seis metros da estátua; sendo assim, a desintegração acha-se *contida nos limites deste mesmo universo*, não se trata de uma fuga do mundo em direcção ao nada ou para fora de si mesmo. Mas, isso sim, parece que ele é *furado por um orifício de despejamento, no meio do seu ser, e se escoia perpetuamente por esse orifício.*»

(Sartre, 1943, p. 267)

O outro como outro que me vê

«Se **outrem-objecto** se define em ligação com o mundo como o **objecto que vê o que eu vejo**, a minha ligação fundamental com **outrem-sujeito** deve poder reduzir-se à **minha possibilidade permanente de ser visto por outrem**. É na e pela revelação do meu ser-objecto para outrem que devo poder captar a presença do seu ser-sujeito. Pois, tal como outrem é para mim-sujeito um objecto provável, não posso de igual modo descobrir-me em vias de me tornar objecto provável senão para um **sujeito certo**.»

(Sartre, 1943, p. 268)

Ser-para-outrem

Sartre tenta mostrar é que, a respeito do problema da intersubjectividade, importa menos saber se existe um outro aí fora no mundo do que saber se existe **um modo de ser do outro, ou seja, um ser-outrem**. Se a primeira questão é simplesmente ôntica, além de inapelavelmente dúbia, a segunda recentra a problemática da intersubjectividade num plano ontológico - é uma questão de ser.

Por outras palavras, a mesma consciência que se revelava, considerada solitariamente, um **ser-para-si** revela-se também, fenomenologicamente, um **ser-para-outrem**.

O fenómeno da vergonha

A vergonha é o fenómeno que, de maneira privilegiada, torna explícito este ser do outro. Na medida em que esta vivência intencional de uma consciência que se sente envergonhada é um **fenómeno evidente e concreto**, então o ser-para-outrem que por ela se põe a descoberto revela-se igualmente imune à dúvida. Revela-se...

«como uma presença concreta e evidente que eu não posso de maneira nenhuma tirar de mim e que não pode de modo nenhum ser posta em dúvida nem sofrer uma redução fenomenológica ou qualquer outra epoché.»

(Sartre, 1943: 282)

A implicação do outro no fenómeno da vergonha

Quem se envergonha tem **vergonha de si** por causa de algo que fez ou disse, mas sempre **perante outrem** ou, ao menos, perante a consciência efectiva da possibilidade de um outro.

A vergonha implica a consciência do outro, é um **reconhecimento**, pela minha parte, **de que sou o que o outro vê quando me vê** ou, ao menos, de que sou como creio que o outro me está a ver. E o objecto da vergonha não é o meu comportamento, gestos ou palavras ditas, mas eu mesmo no meu ser. É **o ser da minha consciência tornado objecto do olhar do outro**.

O eu aparece no irreflectido como objecto para outrem

«Eis que existo enquanto *eu* para a minha consciência irreflectida. (...) Enquanto considerámos o para-si na sua solidão, pudemos sustentar que a consciência irreflectida não podia ser habitada por um eu: o eu não se dava, a título de objecto, senão para a consciência reflexiva. Mas eis que o eu vem *assombrar* a consciência irreflectida. Ora a consciência irreflectida é consciência *do* mundo. Logo, o eu existe para ela no plano dos objectos do mundo; esse papel que só incubia à consciência reflexiva, a presentificação do eu, compete agora à consciência irreflectida. Simplesmente, a consciência reflexiva tem directamente o eu por objecto. A consciência irreflectida não apreende a *pessoa* directamente e como *seu* objecto: *a pessoa é presente à consciência enquanto é objecto para outrem.*» (272)

Espreitando pelo buraco da fechadura

Quando alguém espreita pelo buraco de uma fechadura e se deixa, nestes preparos, surpreender pelo olhar de alguém, sucede um **súbito tornar-se coisa** à pessoa curiosa, reificação de si própria, pelo qual se descobre como **coisa visível e observável, mesmo tangível e escrutinável por todo e qualquer público**. Nem tem de haver realmente um outro que espreite, bastará a suspeita de que haja um outro aí, ou até mesmo a mera consciência da possibilidade de um outro aí.

...Sou pura consciência *das* coisas...

«Imaginemos que fui levado, por ciúme, por interesse, por vício, a colar o ouvido contra uma porta, a espreitar pelo buraco de um fechadura. Estou sozinho e no plano da consciência não-tética (de) mim. Isso significa em primeiro lugar que não há *eu* para habitar a minha consciência. Nada, pois, a que possa referir os meus actos para os qualificar. Eles não são de modo nenhum *conhecidos*, mas eu *sou-os*. (...) Sou **pura consciência das coisas** (...) Ora, eis que ouvi passos no corredor: alguém olha para mim.» (Sartre, 43: 270-1)

Objectivação sem reciprocidade

Duas consequências:

- por um lado, **alguém me objectiva** ou me pode objectivar;
- por outro, esse que me objectiva, ou me pode objectivar, é justamente a única "coisa" que **eu não posso objectivar**.

O outro é como **um buraco negro** enquanto o tenho como meu objecto, mas um buraco negro que me sorve todo o domínio que tenho sobre o meu próprio **mundo de possibilidades** a partir do momento em que é dele que parte a atenção e em que sou eu que me deixo ser seu objecto de tematização. O buraco negro insondável que metaforiza o outro enquanto meu objecto converte-se em **um universo negro** quando sou eu o objecto de um outro sujeito.

Escoamento...

«Sou assim o meu *ego* para o outro no meio de um mundo que se escoia para o outro. Mas, há bocado, tínhamos podido chamar **hemorragia interna ao escoamento do meu mundo em direcção a outrem-objecto**: é que, efectivamente, a sangria era sustida e localizada pelo próprio facto de eu cristalizar em objecto do *meu* mundo esse outrem em direcção ao qual este mundo sangrava; assim, nem uma gota de sangue se perdia, era tudo recuperado, envolvido, localizado, se bem que num ser que eu não podia penetrar. Aqui, ao invés, a fuga é sem termo, ela perde-se no exterior, **o mundo escoia-se para fora do mundo e eu escoo-me para fora de mim.**»(272-3)

Nudez, queda original

Na vergonha, **descubro-me descoberto**, ou seja, descubro-me já não só interioridade, resguardado num mundo meu, sem sobressaltos, mas finalmente dotado de uma exterioridade, de um fora de mim que me deixa exposto, impreterivelmente votado a uma nudez, qual **queda original**, que nenhum manto é realmente capaz de tornar a cobrir. E este é o momento originário da alteridade para Sartre.

Tenho uma natureza, queda original

«**Se há um Outro**, seja ele qual for, onde quer que esteja, quaisquer que sejam as suas relações comigo, sem mesmo que ele actue sobre mim a não ser pelo puro surgimento do seu ser, **tenho um fora, tenho uma natureza**; a minha **queda original** é a existência do outro.»

(Sartre, 1943: 274)

O olhar de Deus

No limite, este olhar do outro potencial coincide com Deus. Abstraindo dos aspectos acidentais, por exercício de variação eidética, resta que **a possibilidade indeterminada de um olhar sobre mim estrutura o fenómeno da vergonha.**

Deus sujeito...

««*Eu* tenho vergonha de *mim* perante *outrem*.» Se acontece desaparecer uma destas [três] dimensões, a vergonha também desaparece. Se, porém, eu concebo o «alguém», sujeito perante quem tenho vergonha, enquanto ele não pode tornar-se objecto sem disseminar numa pluralidade de outrem, se eu o estabeleço como a unidade absoluta do sujeito que não pode de modo algum tornar-se objecto, estabeleço assim a eternidade do meu ser-objecto e perpetuo a minha vergonha. *É a vergonha perante Deus*, ou seja, o reconhecimento da minha objectividade perante um sujeito que nunca pode tornar-se objecto(...)»
(Sartre, 1943, 299)

... Homem objecto

«(...) do mesmo passo, *realizo* no absoluto e hipostasio a minha objectidade: a posição de Deus faz-se acompanhar de um **coisismo da minha objectidade**; melhor ainda, **assento o meu ser-objecto-para-Deus como mais real do que o meu para-si (...).**»

(Sartre, 1943, 299)

O «aí fora» é posto pela ser-para-outrem

Antes de existirem outros "aí fora", antes de sequer fazer sentido existirem outros "aí fora", é preciso que haja, para mim um "aí fora". O outro não sucede à exterioridade; pelo contrário, o outro, pelo seu olhar, é condição de possibilidade desta.

O outro que entendíamos ser provável existir no mundo é, na verdade, a condição para que haja mundo para mim.

A exposição ao outro

Um sujeito descobre-se **objecto do mundo, objecto aí fora, situado num espaço exterior**, no reconhecimento do olhar de um outro que, olhando, o localiza e fixa no mundo, e o julga a partir de um ponto de vista inacessível.

De outro modo, na absoluta ausência de um olhar de outrem, sequer da sua mera possibilidade, não haveria solução de continuidade entre o sujeito e o que lhe permanece estranho, **tudo seria "intimidade"**.

A subjugação ao mundo do outro

O mundo que se descobre pelo olhar de outrem é um **mundo metamorfoseado**, que se revela ao sujeito, nele tornado objecto, como **mundo transcendente**, para lá da influência do sujeito. O outro que me olha, enquanto é objecto para mim, dá o sentido de transcendência desse mundo. O outro, inacessível por detrás do seu olhar, escapa-me. Por outro lado, esse mesmo outro que, **enquanto objecto** para mim, me transcendia, **enquanto sujeito** que me toma a mim como seu objecto faz com que **o meu mundo todo me transcenda, sem salvaguarda, sequer da intimidade.**

Metamorfose do mundo

«O olhar de outrem, como condição necessária da minha objectividade, é destruição de toda a objectividade para mim. O olhar de outrem atinge-me através do mundo e **não é apenas transformação de mim mesmo, mas metamorfose total do mundo.** Sou olhado num mundo olhado. Em particular, o olhar de outrem - que é olhar-olhante e não olhar-olhado - nega as minhas distâncias aos objectos e desdobra as suas distâncias próprias.»

(Sartre, 1943: 280)

«Já não sou senhor da situação»

«Com o olhar de outrem, a "situação" escapa-me, ou para usar uma expressão banal, mas que traduz bem o nosso pensamento: *já não sou senhor da situação.*»

«O aparecimento do outro faz surgir na situação um aspecto que eu não quis, do qual não sou senhor e que me escapa por princípio, visto que ele é *para o outro.*»

(Sartre, 1943: 276)

Perigo e conflito

«Porque existo pela liberdade de outrem, não tenho qualquer segurança, estou em perigo nesta liberdade.»

«O conflito é o sentido original do ser-para-outrem»
(Sartre, 1943: 368)

«L'enfer sont les autres»
(Huis Clos)

Huis clos

Citação....

O Silêncio, de Bergman

FILME:

> *Silêncio, Bergman (cena aos 1h12min)*

Saramago e a Cegueira Universal

Se Sartre explicita o olhar do outro como condição da vivência da vergonha, então a ausência do olhar do outro, a súbita cessação da possibilidade desse olhar, pela hipótese de uma cegueira universal, só pode, de um ponto de vista lógico, fazer cessar a vergonha e o recorte que separa o "aí fora" da exposição aos outros do "aí dentro" da interioridade abrigada. Essa é a hipótese experimentada literariamente por Saramago no seu *Ensaio sobre a Cegueira*.

O resultado de Saramago

O inferno que, para Sartre, está nesses outros cujo olhar nos deixa expostos, revela-se, para Saramago, na verdade, a garantia última da contenção. **O inferno existencial ameniza-se moralmente.** Depois da queda original, por assim dizer, pior do que a vergonha só a perda do sentido de vergonha.

O outro como aquele que traz a possibilidade da crise

O outro traz a crise como possibilidade permanente à vida própria de cada um. Ele é também, enquanto outro, possibilidade de vida em crise.

Dizia Levinas que a relação de alteridade se revela de forma mais imediata como vulnerabilidade e sensibilidade.

O projecto de recuperar a liberdade do outro

«O meu projecto de recuperar o meu ser só pode realizar-se se eu me apoderar desta liberdade [do outro] e a reduzir a **ser liberdade submetida à minha liberdade.**»

(Sartre, 1943: 370)

As duas atitudes para com outrem

«Outrem *olha-me* e, como tal, detém o segredo do meu ser, ele sabe o que eu *sou*; assim, o sentido profundo do meu ser está fora de mim, aprisionado numa ausência (...). Posso portanto tentar, enquanto fujo do em-si que sou sem o fundar, **negar este ser que me é conferido de fora**; quer então dizer que posso voltar-me para outrem a fim de lhe **conferir por meu turno a objectividade**, pois que a objectividade de outrem é destruidora da minha objectividade para outrem. Mas, por outro lado, enquanto outrem como liberdade é fundamento do meu ser-em-si, **posso procurar recuperar esta liberdade e dela me apoderar, sem lhe retirar o seu carácter de liberdade**: de facto, se eu pudesse **assimilar a mim esta liberdade** que é fundamento do meu ser-em-si, seria a mim mesmo o meu próprio fundamento.» (Sartre, 1943: 366-7)

Assimilação ou anulação

As **relações concretas com outrem** seguem uma de duas atitudes gerais:

(1) Ou o sujeito procura **assimilar** a liberdade de outrem na sua própria liberdade

(2) Ou o sujeito procura **reduzir** a liberdade de outrem a uma objectividade

O resultado esperado seria, no fim, o império da liberdade do sujeito. Todavia, ambos os projectos fracassam porque cada um deles, na verdade, pressupõe o outro. **O modo de assimilar a liberdade é como objectividade; e a objectivação da liberdade do outro só tem valor preservando-a de alguma maneira.**

A 1.^a atitude: amor, linguagem, masoquismo

- (1) No **amor**, o sujeito quer ser amado, ou seja, quer que o amante o tenha como sua razão de ser e de existir, tornando-se ser necessário, fundamento da sua liberdade.
 - (2) A **linguagem** é o sujeito fazer-se objecto para o outro, e a **sedução** uma manifestação da linguagem, na qual o sujeito procura tornar-se objecto do **fascínio** do outro.
 - (3) No **masoquismo**, a linguagem da sedução transforma-se no sentido de o sujeito procurar tornar-se, pelo seu corpo, objecto de fascínio para si mesmo.
- (note-se que há uma espécie de dialéctica hegeliana nesta passagem do amor, à linguagem e da linguagem ao masoquismo).

O amor

«O amante não deseja possuir o amado como se possui uma coisa; ele reclama um tipo especial de apropriação. **Quer possuir uma liberdade como liberdade.**» (370)

«No amor, **o amante quer ser «tudo no mundo» para o amado**: tal significa que ele se coloca do lado do mundo; ele é o que resume e simboliza o mundo, é um *isto* que envolve todos os outros «isto»; **ele é e aceita ser *objecto***. Mas, por outro lado, quer ser o objecto no qual a liberdade de outrem aceita perder-se, o objecto no qual o outro aceita encontrar como que a sua facticidade segunda, o seu ser e a sua razão de ser; o objecto-limite da transcendência.» (371)

O fracasso do amor: *A cativa*, de Proust

«O herói de Proust, por exemplo, que instala em sua casa a amante, pode vê-la e possuí-la a todas as horas do dia e soube pô-la numa total dependência material, deveria estar isento de inquietude. No entanto, sabemos, pelo contrário, que a preocupação o atenaza. **É pela sua consciência que Albertine escapa a Marcel, mesmo quando ele está a seu lado, e é por isto que ele só tem descanso se a contempla durante o sono dela.» (370)**

A cativa, adaptado por Chantal Akerman

Há uma adaptação cinematográfica de **Chantal Akerman**, e produzida por Paulo Branco.

<http://www.youtube.com/watch?v=Ddp5-E7HniY>
(Sobretudo a partir de 1h08mins)

Porque falha o amor? Mero jogo de espelhos

«Cada qual quer que o outro o ame, sem se dar conta de que **amar é querer ser amado** e que assim, ao querer que o outro o ame, **quer apenas que o outro queira que ele o ame**. Deste modo, as relações amorosas são um sistema de indefinidos reenvios análogo ao puro «reflexo-reflectido» da consciência.»

(Sartre, 1943: 380)

Depois do amor, o masoquismo

«[Sobre o desespero do fracasso do amor] **Em vez de projectar absorver o outro** conservando-lhe a sua alteridade, **projectarei fazer-me absorver pelo outro** e perder-me na sua subjectividade para me desembaraçar da minha. (...) Dado que outrem é o fundamento do meu ser-para-outrem, se eu confiasse a outrem o cuidado de me fazer existir, já não seria mais do que um ser-em-si fundado no seu ser por uma liberdade.»

(Sartre, 1943: 380)

A 2.^a atitude face a outrem

«Pode acontecer que, pela própria impossibilidade em que estou de assimilar a mim a consciência do outro por intermédio da minha objectividade para ele, eu seja conduzido a voltar-me deliberadamente para o outro e a olhá-lo. Neste caso, olhar o olhar de outrem é pôr-se a si mesmo na sua própria liberdade e tentar, do fundo desta liberdade, enfrentar a liberdade do outro. (...) Mas esta intenção deve ser imediatamente desiludida, pois pelo simples facto de eu me consolidar na minha liberdade em face de outrem, faço do outro uma transcendência-transcendida, ou seja, um objecto.» (382)

A indiferença

«Posso no meu surgimento no mundo, escolher-me como olhando o olhar do outro e **construir a minha subjectividade sobre o desmoronamento da do outro**. É a esta atitude que chamaremos a **indiferença para com outrem**. Trata-se então de **uma cegueira relativamente aos outros**.» (383)

«Pratico então uma espécie de solipsismo de facto; os outros são essas formas que passam na rua, esses objectos mágicos que são susceptíveis de agir à distância e sobre os quais posso agir por determinadas condutas. Mal atento neles, actuo como se estivesse sozinho no mundo; roço pelos "indivíduos", como roço pelas paredes, evito-os do mesmo modo que evito obstáculos, a sua liberdade-objecto é apenas para mim o seu "coeficiente de adversidade"; **nem sequer imagino que eles possam olhar-me**.» (383)

«Estes "indivíduos" são **funções**: o revisor de bilhetes não é mais do que a função de fiscalizar; o empregado de café não é mais do que a função de servir os fregueses.» (383)

O fracasso da indiferença

«O revisor de bilhetes, mesmo que seja considerado como pura função, reenvia-me devido à sua própria função a um ser-fora (...). Donde um perpétuo **sentimento de carência e de mal-estar**. É que o meu projecto fundamental para com outrem - seja qual fora atitude que eu tome - é **duplo**: trata-se, por um lado, de me proteger contra o perigo que me faz correr o meu ser-fora-na-liberdade-de-outrem, e, por outro lado, de utilizar outrem para totalizar finalmente a totalidade destotalizada que sou, para fechar o círculo aberto e fazer enfim com que eu seja fundamento de mim mesmo.» (384)

O desejo sexual

- «A minha tentativa originária para me assenhorear da subjectividade livre do outro através da sua objectividade-para-mim é o *desejo sexual*.» (385)
- «No desejo, eu me faço carne em presença de outrem pra me apropriar da carne de outrem. (...) Assim, o desejo é desejo de apropriação de um corpo enquanto esta apropriação revela o meu corpo como carne. Mas esse corpo de que eu quero apropriar-me, é como carne que dele quero apropriar-me.» (391-2)

A carícia

«O desejo é uma tentativa para despir o corpo dos seus movimentos, bem como das suas roupas, e de o fazer existir como pura carne; é uma tentativa de *encarnação do corpo de outrem*. É neste sentido que as carícias são apropriação do corpo do outro.» (392)

«Ao acariciar outrem, *faço nascer a sua carne pela minha carícia*, sob os meus dedos. (...) A carícia *faz nascer outrem como carne para mim e para ele próprio*.» (392)

«O desejo exprime-se pela carícia como o pensamento pela linguagem.» (392)

O fracasso do desejo

«Tal é o impossível ideal do desejo: **possuir a transcendência do outro como pura transcendência e, não obstante, como corpo**; reduzir o outro à sua simples *facticiedade*, porque ele é então no meio do mundo, mas fazer com que esta *facticiedade* seja uma apresentação perpétua da sua transcendência *nadificante*.» (396)

Passagem ao sadismo

«Podemos agora explicitar o sentido profundo do desejo. De facto, na reacção primordial ao olhar de outrem, constituo-me como olhar. Porém, **se olho o olhar**, para me defender contra a liberdade de outrem e transcendê-la como liberdade, a liberdade e o olhar do outro esboroam-se: **vejo uns olhos**, vejo um ser-no-meio-do-mundo. Doravante, o outro escapa-me: eu gostaria de agir sobre a sua liberdade, de me apropriar dela ou, pelo menos, de me fazer reconhecer como liberdade por ela. Mas esta liberdade está morta, ela já não está absolutamente *no mundo* onde encontro o outro-objecto, pois a sua característica é ser transcendente ao mundo. É claro que posso *captar* o outro, agarrá-lo, empurrá-lo; posso, se dispuser de potência, *constrangê-lo* a tais ou tais actos, a tais ou tais palavras: mas tudo se passa como se eu quisesse apoderar-me de um homem que fugisse deixando-me o seu casaco nas mãos.» (395)

O fracasso do sadismo

«O sádico descobre o seu erro **quando a sua vítima o olha,** ou seja, quando ele experimenta a alienação absoluta do seu ser na liberdade do outro: percebe assim não só que não recuperou o seu «ser-fora», mas também que a actividade pela qual procura recuperá-lo é ela própria transcendida e **petrificada em «sadismo»** (...). Descobre então **que não pode agir sobre a liberdade do outro,** mesmo constringendo o outro a humilhar-se e a pedir misericórdia, pois é precisamente na e pela liberdade absoluta do outro que chega a existir um mundo onde há um sádico (...).» (406)

(O olhar da vítima em *Luz de Agosto*, de Faulkner)

O ódio

«Quem odeia projecta já não ser de todo objecto; e o ódio apresenta-se como uma posição absoluta da liberdade do para-si em face do outro. Eis porque, em primeiro lugar, **o ódio não rebaixa o objecto odiado**. Na verdade, ele coloca o debate no seu verdadeiro terreno: o que eu odeio no outro não é uma certa fisionomia, uma certa mania, uma acção em especial. **É a sua existência** em geral, como transcendência-transcendida. Por isso é que o ódio implica um reconhecimento da liberdade do outro. Só que este reconhecimento é abstracto e negativo: o ódio não conhece senão o outro-objecto e apega-se a este objecto.» (411)

O fracasso do ódio

«O ódio é, por seu turno, um malogro. Com efeito, seu projecto inicial é suprimir as outras consciências. Mas, ainda que o conseguisse, ou seja, se eu pudesse abolir o outro no momento presente, ele não poderia fazer com que o outro não tivesse sido. Melhor ainda, a abolição do outro, para ser vivida como o triunfo do ódio, implica o reconhecimento explícito de que outrem *existiu*.»

(Sartre, 1943: 412)